

A MEMÓRIA DE FRANCISCO FERRER Y GUARDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE OPERÁRIA NA AMAZÔNIA: A REPERCUSSÃO DA MORTE E DAS IDEIAS DO PROFESSOR ESPANHOL ENTRE OS TRABALHADORES DE BELÉM E DE MANAUS NA DÉCADA DE 1910

Marcos Lucas Abreu Braga

Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFAM. Graduado em História na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor na rede de educação estadual do Amazonas (SEDUC).

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a repercussão das ideias e da memória do assassinato do pedagogo espanhol Francisco Ferrer y Guardia no movimento operário dos dois maiores centros urbanos da Amazônia brasileira, Manaus e Belém, ao longo da década de 1910. A partir da análise de jornais, tanto da imprensa operária quanto da comercial e diária, se mapeou os eventos em memória de Ferrer empreendidos pelos trabalhadores amazônidas; se verificou a associação entre a lembrança de Ferrer e a luta pela educação formal, bem como ao anticlericalismo; e sugere-se que a rememoração do assassinato do professor catalão foi um elemento que contribuiu para a formação de uma identidade coletiva de classe entre os trabalhadores destas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco Ferrer; Movimento Operário; Amazônia; Pedagogia Racionalista.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la repercusión de las ideas y de la memoria del asesinato del pedagogo español Francisco Ferrer y Guardia en el movimiento obrero de los dos mayores centros urbanos de la Amazonía brasileña, Manaus y Belém, a lo largo de la década de 1910. Del análisis de los periódicos, de la prensa obrera y de la prensa comercial y diaria, se cartografiaron los hechos en memoria de Ferrer realizados por los trabajadores amazónicos; se verifica una asociación entre la memoria de Ferrer y la lucha por la educación formal, así como el anticlericalismo; y se sugiere la rememoración del asesinato del maestro catalán fue un elemento que contribuyó a la formación de una identidad colectiva de clase entre los trabajadores de estas ciudades.

PALABRAS CLAVE: Francisco Ferrer; Movimiento obrero; Amazonas; Pedagogía Racionalista.

Introdução

Já se tornou clássica e consensual a formulação de Edward P. Thompson sobre a classe ser “uma formação tanto cultural como econômica” (Thompson, 1987: 13). No entanto, como adverte Peter Burke, o termo “cultura” é polissêmico, podendo englobar muitos aspectos da experiência humana, por vezes díspares (Burke, 2008: 42-43). A “Cultura” pode incluir tradições herdadas ou a religiosidade popular, estudadas por Thompson na obra citada, mas também a música, as formas de lazer e de sociabilidade, rituais, objetos, costumes, valores e modos de vida. Dentre este emaranhado de aspectos que são englobados pela “cultura”, pode-se incluir as celebrações de datas específicas que trazem um significado simbólico para os coletivos e grupos que as celebram.

Sobre este último ponto, Cláudio H. M. Batalha comenta sobre o “calendário de celebrações e solenidades” desenvolvido pelas sociedades operárias no Brasil da Primeira República, que se tornou um “elemento essencial da cultura militante”. Entre os dias solenizados, estavam o aniversário da fundação de cada sociedade ou sindicato; o 14 de julho, em referência à queda da Bastilha e à Revolução Francesa; o 13 de outubro, em homenagem à Francisco Ferrer; e, sem dúvida a data mais importante de todas no simbolismo operário, o Primeiro de Maio, dia dos trabalhadores (Batalha, 2000: 65). Além das citadas por Batalha, pode-se incluir o 13 de maio, em referência à promulgação da lei Áurea, que aboliu formalmente a escravidão no Brasil; o 15 de novembro, em memória à Proclamação da República em 1889 (data que foi abandonada pelos trabalhadores poucos anos depois, devido à decepção com o novo regime); o 18 de março, lembrando o início da Comuna de Paris; e na década de 1920: o aniversário da Revolução Russa e a recordação da prisão e condenação dos anarquistas italianos Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, nos Estados Unidos, dentre outras.

Estas manifestações se davam tanto por meio da imprensa operária – que era principal meio de comunicação e o mais próximo do que se poderia qualificar como “de massas” – com editoriais ou números especiais sobre a data, frequentemente trazendo representações imagéticas – que eram raras nos jornais de e para trabalhadores, devido às limitações financeiras e técnicas – quanto em manifestações nas sedes dos sindicatos, com sessões solenes, comícios ou palestras doutrinárias sobre o significado do dia lembrado ou temas correlatos; ou ainda em manifestações públicas, como *meetings*, piqueniques, festas ou passeatas (estas últimas mais frequentes no caso do primeiro de maio) organizadas pelas associações trabalhistas.

Todas estas datas fazem referência à eventos ou processos ocorridos no passado – tanto ao passado recente quanto ao mais remoto – que foram apropriados e ressignificados, no presente em que viveram esses trabalhadores, como forma de afirmação de sua identidade de classe e dos projetos políticos e sociais derivados dela.¹⁰³ O que não chega a surpreender, pois conforme já anotara Ecléa Bosi “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade” (Bosi, 2003: 16). Na mesma obra e no mesmo sentido, a autora ainda afirma que “há, portanto, uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidade àquela classe” (Bosi, 2003: 18). As datas solenizadas pelos operários fizeram parte desta memória coletiva e foram elementos que alimentaram a identidade de classe.

Um tipo específico entre elas é a lembrança de mártires, que trazem a memória da trajetória e da morte de militantes operários e socialistas, que sofreram perseguição política e foram mortos nos movimentos de protesto ou tentativas de revolução ao longo da história. A recordação, pelo movimento operário, dos militantes caídos lembra a décima segunda tese sobre o conceito de História de Walter Benjamin, que aponta a classe operária como “a classe vingadora” e ainda que “em nome de gerações de derrotados, leva a termo a obra de libertação”, já que tanto o ódio quanto a vontade de sacrifício dela se “nutrem da visão dos ancestrais escravizados” (Benjamin *apud* Löwy, 2005: 108). Nas teses II, III e IV, Benjamin discute o tema da redenção das vítimas de outrora pelo proletariado, pois “não há luta pelo futuro sem memória do passado” (Löwy, 2005: 109), reforçando a ideia da ligação entre a recordação do passado e a ação no presente na construção da identidade de classe.

O autor alemão dirigia essas teses aos “historiadores escolados em Marx”, os materialistas históricos, mas é interessante notar que o próprio “sujeito do conhecimento” citado por Benjamin, a classe trabalhadora, tendeu a lembrar os mártires das lutas anteriores. Michel Löwy cita os anarquistas e sindicalistas executados em 1887 nos Estados Unidos, que deram origem ao primeiro de maio, e os líderes espartaquistas alemães assassinados em 1919, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, como inspiradores dos movimentos operários nos anos subsequentes, cujos assassinatos foram periodicamente lembrados pelos militantes de

¹⁰³ A utilização de datas simbólicas como forma de alimentação e afirmação de identidades coletivas não é algo exclusivo da identidade de classe, mas pode ser percebida em outras formas de agrupamentos humanos, como comunidades religiosas (talvez o catolicismo seja um dos exemplos mais evidentes, já que comemora a Páscoa, o Natal, o *Corpus Christi*, a Semana Santa, além dos festejos periódicos dos vários santos padroeiros) ou nacionais (como o calendário de datas comemorativas que os Estados-nações modernos empreendem para atizar – com graus variados de sucesso – o sentimento patriótico e de nacionalidade entre seus habitantes/cidadãos).

diversas partes do mundo (Löwy, 2005: 110). Pode-se incluir entre estes mártires o pedagogo catalão e precursor da pedagogia libertária Francisco Ferrer y Guardia, fuzilado em 1909 pela Coroa espanhola.

As apropriações e usos de cada uma destas memórias pelo movimento operário, assim como as respectivas representações e simbolismos que lhes eram atribuídas, merecem uma série de estudos específicos. O objetivo deste artigo é analisar os significados de uma destas ocasiões, o 13 de outubro, em memória do assassinato de Francisco Ferrer, no movimento dos trabalhadores dos dois principais centros urbanos da Amazônia brasileira: Manaus e Belém; bem como refletir sobre a influência do educador espanhol na formação da identidade e na prática política do operariado destas cidades. Para tanto, se recorreu à imprensa – tanto a imprensa comercial e diária quanto, e principalmente, aos jornais operários que circularam nestas cidades no período em tela – tendo em vista que estes últimos, por terem sido produzidos pelos próprios grupos que nos interessam, são fontes privilegiadas sobre o mundo operário do período.

A repercussão do assassinato de Ferrer em Manaus

Francisco Ferrer y Guardía nasceu em Alella, um vilarejo da Catalunha, em 1859. Filho de uma família de camponeses, mudou-se para Barcelona aos 14 anos, quando começou a trabalhar no comércio quase ao mesmo tempo em que aderiu a ideias republicanas, maçônicas e anticlericais. Após participar de uma insurreição republicana frustrada em 1886, exilou-se em Paris, onde trabalhou como professor de espanhol e entrou em contato com pedagogos ligados à educação operária, como Paul Robin. Ao receber a herança da senhorita Ernestine Meunier, uma abastada estudante que simpatizou com suas teorias educacionais, ele voltou para Barcelona e fundou em 1901 a primeira *Escuela Moderna*, onde colocou em prática a metodologia da Pedagogia Racionalista¹⁰⁴, publicando no mesmo período o *Boletín de la Escuela Moderna* por onde deu vazão às suas concepções educacionais. A experiência acabou incomodando a Igreja e a Coroa espanhola e a Escola Moderna foi fechada após a acusação de Ferrer ser o mentor intelectual de um atentado contra o rei Alfonso XIII em 1906,

¹⁰⁴ Entre as concepções educacionais preconizadas neste método incluía-se a coeducação de estudantes de ambos os sexos e de diversas classes sociais, o racionalismo, o laicismo, o ensino integral (isto é, a formação intelectual, moral e física dos alunos) e a rejeição aos castigos e punições físicas. Estes elementos causavam polêmica em países onde a educação tradicional era fortemente influenciada pela Igreja Católica, como o Brasil e a Espanha.

tendo em vista que o perpetrador do atentado, Mateo Morral, tinha sido bibliotecário da Escola Moderna. Apesar não ter havido provas do envolvimento de Ferrer no caso, ele acabou se exilando novamente no exterior, de onde empreendeu uma campanha de divulgação de suas ideias pedagógicas. Ao retornar para Barcelona em 1909, foi acusado de ser um dos líderes da “Semana Trágica”¹⁰⁵, novamente sem provas, sendo preso, julgado, condenado e, por fim, fuzilado em 13 de outubro daquele ano, no castelo de *Montjuïc*, na Catalunha (Gallo, 2013: 241-251; Gonçalves, 2007: 18-48).

A repercussão da prisão e posterior execução de Ferrer gerou uma grande comoção nos movimentos operários de diversos países da Europa e da América, sendo uma das mais famosas e intensas campanhas internacionalistas do período, quando foram registrados protestos e manifestações de repúdio em quase todos os principais centros urbanos do mundo ocidental, como Paris, Madrid, Nova York, Barcelona, Londres, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu, Viena, Roma, Milão, Bruxelas e dezenas de outras cidades, incluindo os dois principais centros urbanos da região amazônica, onde também se desenvolviam movimentos operários desde as décadas finas do século XIX, Manaus e Belém.

É interessante notar que o posicionamento dos principais jornais de Manaus sobre a morte do professor espanhol mudou conforme chegavam as notícias do exterior. Nas primeiras referências à execução de Ferrer, o *Jornal do Comércio*, reproduzindo anúncios do *A Província do Pará*, o qualificou como “anarchista” e “perigoso revolucionário”. Ao longo de toda a segunda metade de outubro daquele ano, as primeiras páginas do maior diário manauara foram tomadas por telegramas, reproduzidos dos diários *Província do Pará* e *Folha do Norte*, do estado vizinho, noticiando a repercussão e os protestos contra a condenação do professor catalão, o que tornou o caso bastante conhecido pela população da cidade e fez a linha editorial aderir aos repúdios contra o “condenável assassinato do professor Francisco Ferrer”. Outro diário local de grande circulação, o *Correio do Norte*, publicou diversos artigos e editoriais repudiando a sentença e posterior execução de Ferrer, com críticas à monarquia espanhola e ao clericalismo, denominado pejorativamente de “jesuitismo”, naquele país.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Série de protestos e enfrentamentos entre a polícia e trabalhadores que protestavam contra a guerra do Marrocos, ocorridos entre o final de julho e o início de agosto de 1909, que se deram sobretudo na região da Catalunha, no sudeste da Espanha.

¹⁰⁶ X.X. “Comentários Pessimistas”. *Correio do Norte*, Manaus. nº 263, 23 de outubro de 1909, p. 1; D.M. “Reflexões”. *Correio do Norte*, Manaus. nº 264, 24 de outubro de 1909, p. 2; ARIEL. “Pandemônio: o padre e o rei”. *Correio do Norte*, Manaus. nº 270, 31 de outubro de 1909, p. 1.

Mas os protestos não se restringiram às folhas dos periódicos e algumas manifestações públicas também foram levadas a cabo na capital amazonense. No dia 23 de outubro foi realizada na sede do *Euterpe Club* uma reunião “bastante concorrida” de livres-pensadores “para protestar contra a execução bárbara do grande pensador espanhol”, na qual o militante socialista espanhol Joaquim Azpilicueta fez um discurso.¹⁰⁷ A associação dos livres pensadores ainda fez uma lista de assinaturas que foi anexada em uma mensagem de protesto e disponibilizada no escritório do *Jornal do Comércio* para quem quisesse incluir seu nome.¹⁰⁸

Entre as organizações proletárias, a *Confederação do Trabalho* – organização de cunho reformista fundada em 1909 (Teles: 2017a) – promoveu um *meeting* em 31 de outubro, concorrido por uma “massa popular”, em que fizeram discursos Joaquim Azpilicueta e Paulino Montenegro Toscano de Brito (presidente da *Confederação*) e onde foi feita uma subscrição entre os presentes com o fim de levantar um monumento para perpetuar a memória de Ferrer em solo amazonense.¹⁰⁹ Em 7 de novembro, a mesma associação ainda organizou um comício de protesto contra o ocorrido, na Avenida Eduardo Ribeiro, onde “perante numerosa concorrência, falaram inúmeros oradores”.¹¹⁰

No final de novembro, o jornal da entidade, com título homônimo, publicou um texto sobre a execução de Ferrer e sua repercussão no Mundo e no Amazonas, informando que em reunião da diretoria da *Confederação* realizada em 24 daquele mês os sócios presentes deliberaram que se refeririam o rei espanhol Afonso XIII como “o miserável” dali em diante; levariam seus protestos ao cônsul espanhol em Manaus; abririam uma subscrição para construir um monumento ao mártir e convocariam outro comício de protesto.¹¹¹ Apesar de ser mencionado mais de uma vez, o monumento à Ferrer não foi concretizado.

A memória de Ferrer como parte da cultura militante operária na Amazônia

Ao longo de toda a década seguinte ao fuzilamento de Ferrer, militantes operários, libertários, livres-pensadores e anticlericais de várias partes do mundo lembraram este

¹⁰⁷ “Varias”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2001, 25 de outubro de 1909.

¹⁰⁸ *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2005, 29 de outubro de 1909.

¹⁰⁹ “Homenagem a Ferrer”. *Confederação do Trabalho*, Manaus. nº 2, 28 de novembro de 1909, p. 4.

¹¹⁰ “Varias”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2015, 8 de novembro de 1909, p. 1.

¹¹¹ “Francisco Ferrer”. *Confederação do Trabalho*, Manaus. nº 2, 28 de novembro, p. 8.

evento e mantiveram a memória das teorias e práticas do pedagogo catalão – que influenciaram as próprias práticas desses grupos – com o 13 de outubro sendo uma das datas celebradas na cultura militante. Em São Paulo, jornais como *A Plebe*, entre 1917 e 1919, e *A Lanterna*, de 1910 a 1916, foram difusores das ideias de Ferrer e da lembrança de sua execução (Gonçalves, 2007; Neves, 2020). No que tange à atual região norte do país, Aldrin Moura de Figueiredo já anotou que entre 1909 e 1923:

Uma vastíssima literatura sobre a vida e a obra de Francisco Ferrer y Guardía (1859-1909) circulou no Pará, em diversas línguas, do catalão ao inglês, destacando tanto sua obra pedagógica e libertária quanto o próprio processo que o levou à prisão e ao fuzilamento sob acusação de mentor intelectual dos movimentos grevistas na Espanha. Vide entre os livros que aparecem citados nos periódicos anarquistas do Pará e nas anotações de época, Léon Lavagne, *Um Crime Social: l'assassinat de Francisco Ferrer*. Paris: M Riviére, 1909; Joseph McCabe, *The martyrdom of Ferrer, being a true account of his life and work*. London, Watts & co., 1909; Leonard D. Abbot (ed), *Francisco Ferrer; his life, work and martyrdom, with messages written especially for this brochure by Ernst Haeckel*; Maxim Gorky; Edward Carpenter; Havelock Ellis, Jack London and others. New York, Francisco Ferrer Association, 1910. Pedro Sangro y Ros de Olano, *La sombra de Ferrer de la semana trágica a la guerra europea*. Madrid: sobrinos de las sucesoras de M. Minuesa de los Ríos, 1917; e Alphonse Lugan, *Francisco Ferrer, un précurseur du bolchevisme: as vie et son oeuvre: étude critique*. Paris: procure Generale, 1921. (De Figueiredo, 2005: 70)

Alguns desses livros certamente poderiam ser encontrados nas bibliotecas fundadas pelos sindicatos e associações classistas paraenses.

Em Manaus, um ano após o processo questionável que vitimou o professor espanhol, um periódico ligado à comunidade de imigrantes portugueses publicou um extenso artigo¹¹² – de quase sete colunas, divididas em duas páginas – eivado de elogios a Ferrer y Guardia e às Escolas Modernas, onde também pode-se ler críticas às Monarquias Ibéricas e ao “jesuitismo”. No ano seguinte, o *Jornal do Comércio* publicou uma nota relembrando o fuzilamento de Ferrer e informando que “os livres-pensadores realizam hoje comemorações

¹¹² PINA, Jeremias. “O martyr do bem: Francisco Ferrer”. *O Povo de Loriga*, Manaus. nº 1, 5 jun. 1910, p. 2-3.

póstumas em todo o mundo”.¹¹³ Esse mesmo diário acusou a circulação em Manaus da revista lusitana *Archivo Democrático*, que estampou um retrato de Francisco Ferrer.¹¹⁴

Em Belém – conforme noticiado pelo jornal anticlerical paulistano *A Lanterna*, cuja redação trocava correspondência com núcleos operários e anticlericais de diversos estados brasileiros, inclusive do Pará – foi fundado em primeiro de maio de 1912 o *Centro Humanitário Amor, Sciencia e Liberdade*, organizado por um “grupo de jovens livres-pensadores”, cujo objetivo era “desenvolver a educação racional e combater a imunda clericalinha”. Esta associação, que já contava com “perto 100 membros” quando de sua fundação, segundo o articulista que a noticiou, tinha como patrono o “grande e inolvidável Ferrer”.¹¹⁵

Alguns meses depois, o mesmo periódico informou que em 13 de outubro de 1912 o *Centro* – se apresentando como uma “associação literária, instrutiva e educadora de moços livre-pensadores” – fundou a *Liga Anticlerical do Pará*, sua anexa. A data parece não ter sido escolhida por acaso, tendo em vista que Ferrer também foi um mártir do anticlericalismo. Outro indício do contato desta organização com pedagogia racionalista de Guardia foi a manutenção da *Escola Livre Século XX*, “composta de operários e filhos de operários livres-pensadores”, organizada pelo *Centro*. Não foram encontradas outras referências sobre esta escola, tornando bastante difícil a análise de seu funcionamento; no entanto, uma lista de assinaturas do protesto feito pelo *Centro* contra o Congresso Operário realizado naquele ano¹¹⁶ incluía entre os signatários, que eram membros do *Centro* e alunos da referida escola, os nomes de Lucila Monteiro, Clara de Almeida e Ana Monteiro¹¹⁷, possíveis estudantes da “Século XX”, indicando desta forma a coeducação de estudantes de ambos os sexos, preconizada pela Escola Moderna, além do próprio ensino racional, livre de doutrinação religiosa.

Em 1913, *A Lanterna* ainda divulgou a notícia de que na capital paraense o *Grupo Libertário Porvir* – criado por volta de setembro do mesmo ano – realizou uma sessão magna em homenagem ao professor martirizado, quando também ocorreu a fundação da Escola 13 de

¹¹³ “Várias”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2686, 13 de outubro de 1911, p. 2.

¹¹⁴ “Várias”. *Jornal do Comércio*, Manaus. nº 2382, 28 de novembro de 1910, p. 2.

¹¹⁵ “Núcleos de Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo. nº 143, 15 de junho de 1912, p. 4.

¹¹⁶ Este Congresso ficou conhecido pelos sindicalistas revolucionários da época e por parte da historiografia como “Congresso Pelego” de 1912.

¹¹⁷ “Núcleos da Vanguarda”. *A Lanterna*, São Paulo. nº 169, 14 de dezembro de 1912, p. 4.

Outubro, na data homônima. A sessão foi presidida por Umberto Simões, secretariado por João Pinto Coelho e contou com um discurso de Antônio da Costa Carvalho, que “mostrou a todos os presentes qual o fim e por que princípios foi fundada aquela escola” e em seguida “falando do grande educador, mostrou seus métodos de ensino e a maneira porque o difundia e as vantagens que dele colhemos”; após a fala de Carvalho, Simões “fez uma pequena mas bem orientada preleção sobre a vida do grande educador e concitou todos os presentes a que trabalhem, unidos pelo mesmo sentimento de regeneração social, pelo desenvolvimento da grandiosa obra do inesquecível educador”.¹¹⁸ Infelizmente, também não foram localizadas outras referências sobre esta escola.

Nas duas manifestações citadas acima, pode-se encontrar os nomes de Antônio da Costa Carvalho, orador na sessão magna realizada em 1913, de Eduardo Guerra e de Antônio Domingues, que assinaram o protesto do *Centro Humanitário...* em 1912. Os dois primeiros eram imigrantes portugueses e o último era espanhol; quitandeiro, chofer e sapateiro, respectivamente; todos foram expulsos de Belém entre 1914 e 1915, devido ao papel que tiveram como militantes anarquistas e lideranças destacadas na onda grevista que ocorreu na cidade naqueles anos (Fontes, 2002: 246-280)

Em junho de 1914, o mensário anarquista manauara *A Lucta Social* publicou a transcrição de uma poesia assinada por Salvaterra Júnior em homenagem a Ferrer, eivado de ataques à “Reis, militares, padres e à burguesia”.¹¹⁹ Em seu sexto número, de 1º de novembro de 1914, o mesmo periódico informou logo em seu cabeçalho que esta edição deveria ter sido publicada no dia 13 de outubro, em homenagem ao educador espanhol, com 8 páginas. No entanto, a intenção de seus redatores foi frustrada por um incidente que vitimou o tipógrafo anarquista português Tércio Miranda, principal animador da folha, e o impediu de confeccionar a edição especial, ficando adiada para o número seguinte a dita homenagem, já que Miranda desejava que a publicação fosse ilustrada com um retrato de Ferrer que ele estava concluindo.¹²⁰ Não se sabe se a edição especial veio a lume, mas ainda no número 6 foi publicado um texto relembrando a execução do pedagogo catalão.¹²¹

A aspiração dos articulistas de *A Lucta Social* de trazer a lume um número especial em homenagem à Francisco Ferrer também foi anunciada por outro jornal operário que

¹¹⁸ “13 de outubro”. *A Lanterna*, São Paulo. n.º 216, 8 de novembro de 1913, p. 3.

¹¹⁹ “Ferrer!...”. *A Lucta Social*, Manaus. n.º 3, 1º de junho de 1914, p. 5.

¹²⁰ “aos nossos leitores e aos camaradas”. *A Lucta Social*, Manaus. n.º 6, 1º de novembro de 1914, p. 1.

¹²¹ “Francisco Ferrer”. *A Lucta Social*, Manaus. n.º 6, 1º de novembro de 1914, p. 3.

circulou naquele ano.¹²² Trata-se do *A União*, um pequeno pasquim de publicação irregular que tirou catorze números entre setembro e outubro, sendo formado por alguns tipógrafos demitidos do diário *Amazonas* após a greve que empreenderam por aumento salarial algumas semanas antes. Por meio de suas páginas, alguns trabalhadores também expressaram homenagens e condenações ao assassinato do educador espanhol, que completava cinco anos na ocasião da publicação de seu nono número.¹²³ Alguns dias depois, seus articulistas ainda publicaram outro editorial, não assinado, lembrando o acontecido.¹²⁴

Com o advento da Primeira Guerra Mundial o movimento operário sofreu um descenso em várias partes do globo, simbolizado pela capitulação da II Internacional perante a Guerra e o apoio da maioria dos partidos socialistas da Europa aos seus respectivos Estados no início do conflito. Os eventos de caráter internacionalista levados à cabo pela classe trabalhadora também diminuíram neste momento de recrudescimento do sentimento nacionalista, pelo menos nos primeiros anos da Guerra. Não foram encontrados indícios de comemorações do 13 de outubro nem em Manaus ou em Belém entre 1915 a 1918, embora possivelmente tenham ocorrido, mas discretamente, de forma modesta, sem grande vulto e sem deixar vestígios.¹²⁵

No entanto, já no ano imediatamente posterior à guerra, as recordações voltaram a ocorrer, tanto por meio da imprensa quanto em manifestações públicas. Em Belém, foi inaugurada a Escola Racional Francisco Ferrer e os dois periódicos operários que circulavam em 1919, *O Semeador*¹²⁶ e *A Revolta*¹²⁷, publicaram números especiais no dia 13 de outubro, ambos ilustrados como pode-se perceber na imagem abaixo.

Imagem 1: Homenagens a Ferrer na Imprensa Operária Paraense (1919)

¹²² *A União*, Manaus. nº 7, 10 de outubro de 1914, p. 3.

¹²³ “Francisco Ferrer Guardia” e “Memória de Ferrer” em: *A União*, Manaus. nº 9, 13 de outubro de 1914, p. 1-2.

¹²⁴ “Treze de Outubro”. *A União*, Manaus. nº 10, 15 de outubro de 1914, p. 1.

¹²⁵ A ausência de fontes não quer dizer necessariamente que um processo ou evento histórico não ocorreu.

¹²⁶ Semanário de quatro páginas, organizado pelo coletivo de trabalhadores sindicalistas revolucionários “Os Semeadores”. Circulou entre o final de abril de 1919 a março de 1920, publicando pelo menos 44 números.

¹²⁷ Semanário de quatro páginas, sob direção do grupo anarquista “Aurora Libertária”, formados principalmente por trabalhadores da construção civil. Circulou entre agosto de 1919 a março de 1920, quando seus diretores, junto com os diretores de *O Semeador*, encerraram as atividades dos jornais para publicarem o *A Voz do Trabalhador*.



Fontes: *O Semeador*, nº 21, 13/10/1919, p. 1; *A Revolta*, nº 7, 13/10/1919, p. 1.

Os jornais operários paraenses deste período tinham pouquíssimos registros imagéticos¹²⁸, sobretudo devido às dificuldades técnicas e financeiras que seus grupos redacionais enfrentavam. A questão que os redatores destas folhas fizeram de imprimirem uma edição ilustrada evidencia a importância simbólica que era conferida à ocasião, como também pode ser verificada na manutenção não concretizada do *ALucta Social*, em Manaus, de publicar uma edição especial e ilustrada em referência a data em 1914, conforme citado acima.

Caroline Poletto, consultando edições especiais de periódicos libertários espanhóis, argentinos e brasileiros (*i.e.*, de São Paulo) que fizeram homenagens a Ferrer entre 1909 e 1916, percebeu que:

Os exemplares de jornais anarquistas que aparecem no dia 13 de outubro (ou dias próximos dessa data) são, geralmente, mais extensos que as publicações normais (uma edição especial) e trazem um número considerável de matérias teóricas e doutrinárias, além de textos pedagógicos, imagens, poemas, canções e contos de protesto. (Poletto, 2014: 130)

¹²⁸ No *A Revolta*, o retrato de Ferrer foi a única imagem publicada nos números consultados (oito primeiros); já em *O Semeador*, somente uma outra imagem foi publicada além desta em homenagem ao educador espanhol em todos os seus 44 números – na ocasião do e em referência ao Primeiro de Maio

A imagem publicada em *O Semeador* é de autoria do caricaturista francês radicado na Espanha *Sagristá* e também foi impresso em outras folhas operárias no Brasil e na Argentina, evidenciando a ampla circulação de imagens e periódicos operários entre os núcleos militantes naquele momento (Polleto, 2014: 139-140).

Apesar de Belém ser o centro das agitações trabalhistas na Amazônia, ainda em 1919 circulou na cidade de Bragança o periódico *O Cosmopolita*, organizado pelo *Centro Cosmopolita Bragantino*, cuja publicação foi anunciada e comentada nos jornais operários da capital paraense. Em *O Semeador* foi anunciado que o primeiro número do jornal bragantino viria a lume em 13 de outubro, traria um cliché de Ferrer e seria impresso em cores.¹²⁹ Já o *A Revolta* comentou sua publicação, informando que seria um quinzenário e que se destinava “à propaganda sindicalista e defesa do proletariado”.¹³⁰ O mesmo *Centro Bragantino* foi representado no ato de inauguração da “Escola Racional Francisco Ferrer”, fundada em 13 de outubro 1919. Estas evidências indicam que as ideias de Ferrer chegaram aos e ganharam simpatizantes nos sertões da Amazônia.

Os eventos em memória do assassinato de Ferrer provavelmente adentraram a década de 1920, embora as fontes para este período sejam bem mais escassas. No entanto, a influência das ideias do professor espanhol executado em 1909 não ficou restrita a publicações ou sessões especiais no dia 13 de outubro, mas tiveram influência nas próprias práticas cotidianas e ações militantes destes sujeitos.

A memória de Ferrer e a identidade operária na Amazônia: a valorização da educação e o anticlericalismo

Michael Löwy, comentando as considerações que Marx e Benjamin fizeram sobre as citações da antiguidade romana pelos revolucionários franceses de 1789 e 1894, e das sucessivas lembranças que se fez na Revolução Russa (1917) da Comuna de Paris (1871) e nesta do governo jacobino (1793-1794), considera de forma muito assertiva que “a citação do passado não era necessariamente uma obrigação ou uma ilusão, mas podia ser uma fonte formidável de inspiração, uma arma cultural poderosa no combate presente” (Löwy, 2005: 121); faziam da memória “um apoio sólido da vontade, matriz de projetos” (Bosi, 2003: 33).

¹²⁹ “O Cosmopolita”. *O Semeador*, Belém. nº 21, 13 de outubro de 1919, p. 2.

¹³⁰ “O Cosmopolita”. *A Revolta*, Belém. nº 8, 25 de outubro de 1919, p. 3.

No que tange à lembrança de Ferrer pelos militantes operários e anarquistas na Amazônia, ela vinha associada a duas pautas específicas entabuladas no presente vivido por eles: o estímulo à educação para os trabalhadores – bem como paraseus filhos – e o anticlericalismo.

Vários historiadores já apontaram a educação formal como uma bandeira frequentemente levantada pelos operários militantes. FootHardman percebeu que “a concepção iluminista do *saber é poder* teve influência considerável nas propostas de várias correntes do movimento operário mundial” (Hardman, 1983: 69, grifo do autor). Já Eric Hobsbawm argumenta que, na Era dos Impérios, tanto os partidos socialistas quanto a esquerda não marxista – jacobina ou radical-operária – compartilhavam os valores iluministas de defesa da razão, da ciência e da educação, que eram encarados como fatores de alavancamento do “progresso” (Hobsbawm, 1988: 194). No Brasil da segunda metade do século XIX, as sociedades mutualistas de trabalhadores especializados já fundavam escolas para a alfabetização dos aprendizes e filhos dos artífices e, segundo Cláudio Batalha, para tentar controlar o mercado de trabalho qualificado (Batalha, 1999: 50)

As escolas fundadas no estado do Pará na década de 1910 e inspiradas na pedagogia racionalista – a “Escola Livre Século XX”, inaugurada em 1912; a “Escola 13 de Outubro”, em 1913; e a “Escola de Ensino Racional Francisco Ferrer”, estabelecida em 1919 – se inserem nesta tradição mais ampla de fomento a educação levada a cabo pelos segmentos organizados da classe trabalhadora brasileira. No entanto, elas diferiam das anteriores em pelo menos um aspecto: enquanto a maioria das escolas operárias e sindicais presumivelmente adotava métodos tradicionais de ensino – como a separação dos estudantes por gênero e o uso de castigos físicos no processo de ensino-aprendizagem, por exemplo –, diferindo pouco suas práticas educativas de escolas do Estado ou da Igreja, as instituições educacionais organizadas pelos núcleos libertários e racionalistas se comprometiam com uma prática nova e pretensamente revolucionária, inspirada na pedagogia libertária e racionalista de Francisco Ferrer e de outros teóricos educacionais anarquistas ou simpatizantes.

Até que ponto a intenção manifesta se concretizou pode ser debatido já que não há um *corpus* documental extenso sobre essas escolas – como documentos da burocracia escolar, boletins, currículos pedagógicos, listas de alunos ou memórias de estudantes ou professores¹³¹ – o que dificulta a análise de seus funcionamentos. A quase totalidade das

¹³¹ Como é, felizmente, o caso das escolas organizadas pelo militante anarquista paulistano João Penteadó, cuja documentação foi compilada e publicada em livro (Moraes: 2007).

menções a elas foram encontradas nos jornais operários. A própria escassez de referências é um indicativo de que tiveram vidas efêmeras, funcionaram por alguns meses ou poucos anos. Provavelmente, mesclavam aspectos da pedagogia racionalista com métodos das escolas tradicionais, como a Escola Nº 1, de inspiração ferrerista, fundada em 1913 em São Paulo, onde, conforme a análise de Douglas Leutprecht e Norberto Dallabrida, é “possível identificar um processo de apropriação em que os defensores da pedagogia racionalista souberam utilizar práticas vigentes nas escolas primárias públicas” (Leutprecht; Dallabrida, 2020: 404).

Dentre as escolas modernas no estado do Pará, a que deixou mais registros foi a *Escola Racional Francisco Ferrer*, fundada em 13 de outubro de 1919. Organizada pelo grupo Os Semeadores¹³², em sua inauguração estiveram presentes representantes de diversas organizações operárias – dos choferes, dos barbeiros, dos trabalhadores da construção civil, dos alfaiates, dos empregados em hotéis e restaurantes, dos sapateiros e do Centro Cosmopolita Bragantino – que fizeram discursos sobre a importância da educação para os operários, sobre a vida de Ferrer e sobre as Escolas Modernas.¹³³

Ela funcionou na rua General Gurjão, nº 44, onde também se localizavam as sedes de diversos sindicatos e associações classistas. Pelo menos dois pilares da pedagogia racionalista, a coeducação de estudantes de ambos os sexos e o ensino racional, livre de doutrinação religiosa, eram postas em prática na escola belemense. Suas aulas eram no período noturno. Seus professores eram voluntários e provavelmente a maioria era composta de militantes e lideranças sindicais. Um dos mestres desta escola foi o tipógrafo, poeta e autodidata Bruno de Menezes, que anos mais tarde seria um dos precursores do movimento modernista em Belém (De Figueiredo: 2005).

Da mesma forma que as demais organizações e instituições empreendidas por trabalhadores, a escola passou por dificuldades financeiras, tendo de contar com o apoio de sindicatos para manter seu funcionamento: o jornal *O Semeador* informou que em fevereiro de 1920 a escola, que contava “com uma frequência que ultrapassou a expectativa de seus iniciadores”, recebeu o auxílio de 26\$300 da União dos Operários Sapateiros e de 2\$300 da Federação das Classes da Construção Civil.¹³⁴ No mês seguinte, o impresso informou que os

¹³² um coletivo de trabalhadores de várias categorias profissionais, militantes e sindicalistas revolucionários que atuou em Belém no final da década de 1910

¹³³ “A inauguração da Escola Racional Francisco Ferrer”. *O Semeador*, Belém. nº 22, 18 de outubro de 1919, p. 1.

¹³⁴ “Escola de E. Racional Francisco Ferrer”. *O Semeador*, Belém. nº 39, 14 de fevereiro de 1920, p. 3.

mesmos sindicatos contribuíram respectivamente com 14\$000 e 2\$700 para a manutenção da escola¹³⁵, indicando desta forma um significativo apoio de segmentos da classe trabalhadora em Belém à instituição educacional.

A Escola de Ensino Racional Francisco Ferrer manteve suas atividades até pelo menos agosto de 1920, quando o *A Voz do Trabalhador* publicou uma pequena nota informando que ela continuava funcionando, “com elevado número de alunos”, e seus estudantes fizeram um passeio na Praça Batista Campos¹³⁶ – passeios e aulas de campo eram práticas preconizadas pela pedagogia racionalista. No mesmo mês, o grupo *Os Semeadores* abriu mão da direção da escola em favor da *União dos Operários Sapateiros*.¹³⁷

A fundação de escolas não era a única forma de reprodução e propagação das concepções educacionais de Ferrer. Conforme concluiu Isabel Bilhão:

A luta pela difusão do ensino racionalista no Brasil teve como um de seus instrumentos mais importantes a utilização de veículos da imprensa operária, especialmente aqueles ligados a grupos anarquistas, e que a publicização desse ideário ocorreu de maneira combinada à construção da imagem de Francisco Ferrer como mártir da educação operária e à defesa de sua memória como modelo de educador a ser seguido. (Bilhão, 2016: 183)

Neste sentido, nos estados da região amazônica também pode-se perceber o uso da imprensa operária como instrumento de propagação dos métodos educacionais racionalistas e libertários, por meio de editoriais ou da transcrição de textos dos teóricos da Escola Moderna, como o de Soledad Villafranca, companheira de vida e de lutas de Ferrer, publicado em uma edição de *O Semeador*¹³⁸ em 1919, ou o do anarquista espanhol Anselmo Lorenzo, que distinguia as escolas “ferreristas” das laicas e religiosas, transcrito no mesmo jornal no ano seguinte.¹³⁹ Ao longo dos seis números do *A Lucta Social* publicados em Manaus em 1914, pode-se encontrar transcrições de textos de Carlo Malato, Clemencia Jacquinet, Anselmo Lorenzo e José Prat (Teles, 2017b:111), todos intelectuais ligados de uma forma ou

¹³⁵ “Escola Racional Francisco Ferrer”. *O Semeador*, Belém. nº 42, 6 de março de 1920, p. 4.

¹³⁶ “Notas diversas”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 18, 28 de agosto de 1920, p. 4.

¹³⁷ “Sapateiros e Semeadores”. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 17, 21 de agosto de 1920, p. 4.

¹³⁸ VILAFRANCA, Soledad. “O ensino racional”. *O Semeador*, Belém. nº 22, 18 de outubro de 1919, p. 1.

¹³⁹ LORENZO, Anselmo. “As escolas ferreristas”. *O Semeador*, Belém. nº 39, 14 de fevereiro de 1920, p. 4.

de outra a Ferrer y Guardia, colaboradores, divulgadores e/ou defensores das Escolas Modernas (Silva, 2015: 201-220). Estes textos provavelmente foram trazidos à Amazônia na bagagem de Tércio Miranda, que em seu país de origem fez parte de uma organização chamada *Liga d'Educação Nova*, na cidade do Porto, em 1912 (Cruz, 2012: 24).

Conforme outros historiadores que analisaram a repercussão do assassinato de Ferrer – e de sua recordação nos anos seguintes – no movimento operário brasileiro já apontaram, a memória da condenação e da execução do pedagogo espanhol também foi frequentemente associada ao anticlericalismo e a críticas a influência da Igreja Católica na sociedade (Neves, 2020; Polleto, 2014). Eric Hobsbawm já apontou a relação entre o movimento dos trabalhadores e o anticlericalismo – não necessariamente ateu – na Inglaterra e na Europa Continental entre a virada do século XIX para o século XX (Hobsbawm, 2015: 61-88).

Guardada as devidas proporções entre os contextos diferentes (dos países abordados por Hobsbawm e do Brasil), pode-se perceber o anticlericalismo de trabalhadores também no movimento operário brasileiro, sobretudo nos núcleos militantes mais radicais dos anarquistas e sindicalistas revolucionários. Pablo dos Santos Martins explana que “os libertários compreendiam a religião como um conjunto de preceitos que estabelecia a dependência e submissão do pobre ao rico, do trabalhador ao capitalista, do povo ao governo, ao Estado, e que santificava a dependência do escravo ao tirano” (Martins, 2018: 155). Desta forma, os grupos ácratas brasileiros consideravam o clero como principal incentivador do crumirismo¹⁴⁰ e da passividade dos trabalhadores perante a exploração; viam o celibato dos padres e freiras como imoral e antinatural; criticavam o domínio que a Igreja exercia sobre as mulheres; denunciavam os crimes sexuais cometidos pelos clérigos; julgavam a Igreja como contrária a razão, incentivadora do obscurantismo, e os padres como membros improdutivos da sociedade, tendo em vista que não realizavam trabalhos manuais (Martins, 2018).

No movimento operário dos centros urbanos amazônicos também pode-se verificar o entabulamento do anticlericalismo como bandeira e críticas ao poder do clero e da Igreja¹⁴¹, apesar de que seguramente a maioria dos trabalhadores urbanos amazônicos fosse oficialmente católica, devido ao próprio processo secular de colonização e de imposição do credo de Roma – embora também seguramente houvesse sincretismo entre a religião

¹⁴⁰No léxico operário da época, significava a prática de furar greve ou não apoiar os companheiros.

¹⁴¹ Até que ponto elas eram compartilhadas pelos trabalhadores não organizados é uma questão que deve ficar em aberto, devido às limitações da fonte e ao estágio da pesquisa.

dominante e práticas religiosas influenciadas pelos povos indígenas, influências religiosas das tradições herdadas dos escravos africanos levadas à região, além de minorias religiosas protestantes, espíritas, de livres-pensadores e de religiões de matriz africana. Neste contexto, a memória do assassinato de Ferrer foi um instrumento de propaganda nos combates anticlericais, tendo em vista que a Igreja teve um papel decisivo em sua condenação devido às críticas que Ferrer fazia à influência da instituição eclesial na educação dos jovens estudantes.

Em *A União*, de 1914, pode-se ler que “o jesuitismo vê em homens da força de Ferrer, homens perturbadores de seu viver de mentira, por isso Ferrer foi vítima do ódio dessa seita que em Hespanha vive sobre as graças do jesuitismo de casaca que se apoia coma defesa do governo”.¹⁴² Na já citada edição especial do *A Revolta* em homenagem à Ferrer, de 1919, foi publicada uma transcrição de um conto de viés anticlerical, atribuído a um “ex-capelão”, que relata o interrogatório e a tortura de um mulçumano pelo Tribunal da Santa Inquisição na Espanha da Idade Moderna, além de uma poesia intitulada “Aos Jesuitas”, eivada de críticas ao poder do clero. Já na edição especial de *O Semeador* – que em seu editorial de apresentação colocava a Igreja ao lado do Capital e do Estado como inimigos a serem combatidos¹⁴³, além de publicar diversos textos anticlericais ao longo dos seus 44 números –, no mesmo ano, atribuiu ao “jesuitismo” a ordem de assassinato do “educador inconfundível”.

As preocupações centrais dos trabalhadores que se organizaram no movimento sindical eram, sem sombra de dúvidas, o que se pode chamar de pautas econômicas: o aumento dos salários; a redução das jornadas de trabalhodiárias; melhorias nas condições, relações e ambientes de labuta, etc. No entanto, o levantamento da bandeira do anticlericalismo por núcleos militantes é revelador da preocupação de segmentos do movimento operário com formas de dominação, exploração e sujeição outras que não as exclusivamente econômicas, como as religiosas. Neste sentido, a atuação destes militantes contribuiu para o processo de relativa secularização e laicização da sociedade brasileira, ocorrida ao longo do século XX.

Considerações Finais

Como tradições também são históricas, algumas caem em desuso ou são

¹⁴² “Francisco Ferrer Guardia”. *A União*, Manaus. n° 9, 13 de outubro de 1914, p. 1.

¹⁴³ “O Semeador: ao que se destina”. *O Semeador*, Belém. n° 1, 26 de abril de 1919, p. 1.

abandonadas. Desta forma, a rememoração do assassinato de Francisco Ferrer perdeu força no movimento operário brasileiro a partir da década de 1920, contrariando as previsões dos redatores do *A União*, que em 1914 escreveram: “o operariado todo geralmente comemora o dia 13 de outubro, dia que tombou aquelle ser consciente (...) e guardará esta memória eternamente, ficando gravado na história essa página triste que jamais será esquecida”.¹⁴⁴

No entanto, enquanto a memória de Ferrer foi mantida pelo operariado brasileiro, inclusive o amazônico, ela influenciou a práxis destes trabalhadores e seus projetos políticos, como fica expresso na construção de escolas inspiradas nas concepções educacionais do pedagogo catalãodestinadas aos filhos dos operários em Belém, nos editoriais profundamente anticlericais dos jornais operáriosmanauaras e belenenses que faziam referência a ele, ou nas sessões magnas levadas a cabo no dia 13 de outubro de cada ano, ocasião em que numerosos trabalhadores se reuniam movidos por um sentimento de identificação coletiva entre si e de oposição à própria estrutura socioeconômica em que viviam.

Francisco Ferrer y Guardía – assim como Sacco, Vanzetti, Rosa Luxemburgo, Marielle Franco e tantos outros – foi um mártir dos movimentos sociais que ficou muito famoso e de cujas memórias de sua vida e de suas ideias acabaram influenciando a ação de diversos militantes anônimos ao longo de mais de uma década, em várias partes do mundo – inclusive nos centros urbanos da Amazônia brasileira. Todos eles, tanto os mártires quanto os desconhecidos que mantiveram suas lembranças, esperam sua redenção no presente, já que partimos da concepção benjaminiana de que “história e política, rememoração e redenção são inseparáveis” (Löwy, 2005: p.62). Se este artigo tiver contribuído – mesmo que minimamente – para esta redenção, terá cumprido um de seus objetivos subjacentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Cláudio H. De Moraes. (2000), *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BATALHA, Claudio H. De Moraes. (1999) Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária. *Cadernos AEL*, ISSN: 1413-6597, Campinas, v. 6, p. 42-66.

BILHÃO, Isabel. (2016), *Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino*

¹⁴⁴ “Memória de Ferrer”. *A União*, Manaus. nº 9, 13 de outubro de 1914, p. 1-2.

racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920). *Educação Unisinos*, v. 20, n. 2, p. 176-184. <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2016.202.04/5439>

BOSI, Ecléa. (2003), *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BURKE, Peter. (2008), *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar.

CRUZ, Manuel Carvalho Ferreira (2012). *O Movimento Libertário Portuense à Luz do periódico A Aurora* (1910-1919). Dissertação (mestrado em História), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

DE FIGUEIREDO, Aldrin Moura. (2005). Rubra Poesia: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. *Asas da palavra*, v. 10, n. 1, p. 69-77. <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/download/1943/1087>

FONTES, Edilza J. O. (2002). "*Preferem-se portugueses (as)*": trabalho, cultura e movimento social em Belém do Para (1885-1914). Tese (Doutorado em História Social), Universidade de Campinas, São Paulo.

GALLO, Sílvio. (2013). Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola Moderna. *Pró-Posições*, v. 24, n. 2, p. 241-251. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642651/10131>

GONÇALVES, Aracely Mehl (2007). *Francisco Ferrer y Guardia: Educação e a imprensa anarcosindicalista – “A Plebe”* (1917- 1919). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

HOBSBAWM, Eric. (1988), *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HOBSBAWM, Eric. (2015), *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre a História Operária*. São Paulo: Paz e Terra.

LEUTPRECHT, Douglas Bahr; DALLABRIDA, Norberto. (2020). Usos da pedagogia racionalista na escola moderna nº 1 de São Paulo (1913-1919). *Historia y Memoria de la Educación*, n. 11, p. 397-431. <http://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/23952/20785>

LÖWY, Michael. (2005), *Walter Benjamin - aviso de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo Editorial.

MARTINS, Pablo dos Santos. (2018). O anticlericalismo anarquista durante a Primeira República (1899-1930). *Revista Cantareira*, nº 28, Jan-Jul, p. 150-160. <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27992/16349>

MORAES, C.S.V; MATE, C.H; ACCIOLY E SILVA, D. (2007). *Inventário de Fontes Arquivo João Pentead*. São Paulo, SP: Centro de Memória da Educação/FEUSP.

NEVES, Ana Paula. (2020). Edições em homenagem à Francisco Ferrer e repercussão de ideias no jornal anticlerical A Lanterna (1910-1911). In: *XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP*.

POLETTO, Caroline. (2014). Por uma história transnacional da imprensa anarquista e anticlerical: a repercussão do caso Ferrer pelas páginas subversivas argentinas, brasileiras e espanholas (1909-1916). *Oficina do Historiador*, p. 128-146. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/18957/12020>

SILVA, Pedro. (2015). Os germens são semeados: as experiências da Escola Moderna ao redor do mundo. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 15, n. 64, p. 201-220. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641937/9435>

TELES, Luciano Everton Costa. (2017). Acerca do jornal Confederação do Trabalho: Mundos do Trabalho, elite extrativista/comercial e “bloco de interesse do trabalho” – Amazonas, 1909/1910. *Manduarisawa-Revista Eletrônica Discente do Curso de História da UFAM*, 1(1), 59-76. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/3738/3265>

TELES, Luciano Everton Costa. (2017). Tércio Miranda: uma liderança anarquista na Amazônia (1913-1914). *Mundos do Trabalho*, v. 9, n. 17, p. 101-119. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2017v9n17p101/35569>

THOMPSON, Edward P.(1987), *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.